



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674574>

Artigo Original

Gestualidades miméticas na capoeira: reconhecimento e superação das semelhanças no jogo

Mimetic gestures in Capoeira: recognizing and overcoming similarities in the game

Gestualidades miméticas en la capoeira: reconocimiento y superación de las similitudes en el juego

Christian Muleka Mwewa¹ 

Marcelo Braz² 

Juliani L. Caldeira Ferreira¹ 

Aline Ortega Soloaga¹ 

RESUMO

O presente ensaio apresenta uma leitura na dimensão da linguagem gestual presente no jogo de capoeira a partir do tema da mímese. Nos apoiamos, especificamente, em Theodor Adorno e Max Horkheimer no texto presente no projeto monumental da Dialética do esclarecimento (1985), qual seja *Elementos do anti-semitismo*; e em Walter Benjamin, no primeiro volume das Obras escolhidas (1994), no texto a *Doutrina das semelhanças*. Em se tratando de um ensaio, essas escolhas se justificam sob a égide de não pretendermos fazer uma exegese do tema nestes autores, mas principalmente, por encontrarmos, na especificidade destes textos, pontos que se articulam com a nossa proposta acima anunciada. Não nos ativemos a movimentos (gestos) específicos e sim na dimensão geral da relação no jogo entre os/as jogadores/as. Trabalhamos na fronteira entre o reconhecimento e a superação das semelhanças expostas no momento/movimento do jogo e, para esta manifestação cultural, na macrosociedade. Ou seja, argumentamos que a capoeira, enquanto microsociedade, reflete mimeticamente a macro sociedade na qual está inserida, assim como os/as seus/suas jogadores/as refletem mimeticamente, em certa medida, no jogo, a gestualidade do parceiro com quem jogam. Em ambas as dimensões, a mímese não dilui as particularidades, mas, sim, potencializa objetivamente a instauração de outras dimensões na percepção da realidade. Esse caráter mimético explicita a ambivalência presente no contexto da capoeira, como confronto e reflexo do/a outro/a. É necessário sublimar, em parte, a intencionalidade das nossas subjetividades objetivadas em golpes, para a continuidade mimética dos pressupostos gestuais com o/a outro/a parceiro/a de jogo.

Palavras-chave: Capoeira. Mimese. Reconhecimento de identidade. Repetição.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Educação, Três Lagoas-MS, Brasil.

² Universidade de Barcelona, Faculdade de Educação, Catalunha, Espanha.

Correspondência:

Christian Muleka Mwewa. UFMS/CPTL/Unidade II/Bloco III, Av. Ranulpho Marques Leal, 3484, Distrito Industrial, Três Lagoas – MS, CEP 79613-000. Email: christian.mwewa@ufms.br



ABSTRACT

This essay presents a reading of the dimension of sign language present in the game of capoeira based on the theme of mimesis. We specifically rely on Theodor Adorno and Max Horkheimer (1985): Elements of anti-Semitism; and in Walter Benjamin (1994), in the text the Doutrina das semelhanças. In the case of an essay, these choices are justified under the auspices of not intending to exegete the theme in these authors, but mainly, because we find, in the specificity of these texts, points that are linked to our proposal announced above. Let's not focus on specific movements, but on the general dimension of the relationship in the game between the players. We work on the border between recognizing and overcoming the similarities exposed in the moment/movement of the game and, for this cultural manifestation, in macro society. In other words, we argue that capoeira, as a micro society, mimetically reflects the macro society in which it is inserted, just as its players mimetically reflect, to a certain extent, in the game, the gestures of the partner with whom they play. In both dimensions, mimesis does not dilute particularities, but rather objectively enhances the establishment of other dimensions in the perception of reality. This mimetic character explains the ambivalence present in the context of capoeira, as resistance and reflection of the other. It is necessary to sublimate, in part, the intentionality of our subjectivities objectified in blows, for the mimetic continuity of gestural assumptions with the other playing partner.

Keywords: Capoeira game. Mimesis. Identity Recognition. Repetition.

RESUMEN

Interpretamos la capoeira en la dimensión del lenguaje gestual a partir del tema de la mímese. Nos basamos específicamente en Theodor Adorno y Max Horkheimer (1985), en el texto: "Elementos do anti-semitismo"; y en Walter Benjamin (1994), en el texto "Doutrina das semelhanças". Dado que se trata de un ensayo, estas elecciones se justifican bajo la premisa de que no pretendemos realizar una exégesis del tema en estos autores, sino principalmente porque encontramos, en la especificidad de estos textos, puntos que se articulan con nuestra propuesta anteriormente anunciada. No nos centramos en movimientos específicos, sino en la dimensión general de la relación en el juego entre los/las jugadores/as. Trabajamos en la frontera entre el reconocimiento y la superación de las similitudes expuestas en el momento/movimiento del juego y, para esta manifestación cultural, en la macro sociedad. Es decir, argumentamos que la capoeira, como micro sociedad, refleja miméticamente la macro sociedad en la que está insertada, al igual que los/las jugadores/as reflejan miméticamente, en cierta medida, en el juego, la gestualidad del compañero/a con quien juegan. En ambas dimensiones, la mímese no diluye las particularidades, sino que potencializa objetivamente el establecimiento de otras dimensiones en la percepción de la realidad. Este carácter mimético pone de manifiesto la ambivalencia presente en el contexto de la capoeira, como resistencia y reflejo del otro. Es necesario sublimar, en parte, la intencionalidad de nuestras subjetividades objetivadas en los golpes, por la continuidad mimética de los supuestos gestuales con el otro compañero de juego.

Palabras clave: Juego de la capoeira. Mímese. Reconocimiento de identidad. Repetición.

INTRODUÇÃO

Segundo Mwewa e Vaz (2008, p. 117) “a capoeira é geralmente vista como [...], uma síntese de elementos africanos com outras formas de expressão corporal aqui já existentes antes e durante o período de escravização [escravizados]”. Para Mwewa (2005, p. 12; 19), “O jogo de capoeira – seja na forma de jogo, luta, dança ou mesmo esporte espetáculo – é parte de um conjunto de elementos da cultura corporal dos afro-brasileiros.” Portanto, continua o autor, “[...] a capoeira é resultado das práticas dos africanos em diálogo com a realidade do ‘novo mundo’ na qual foram colocados.” (ver Rego, 1968; Soares, 1999, Mwewa, 2005, Oliveira, 2015, Zonzon, 2014 dentre outros/as). Dito isto, é na dimensão do jogo que nos ativemos como elemento de análise. As outras dimensões, como por exemplo, a Histórica, musicalidade ou social exercem, neste ensaio, a função de pano de fundo no qual alicerçamos as nossas análises da materialidade do jogo da capoeira como elemento chave.

Se de fato, o jogo de capoeira acontece na roda, não podemos anular os outros espaços nos quais se realizam o pré-jogo (a expectativa de participar de um evento, por exemplo) ou o pós-jogo (a continuidade do jogo) de forma verbal nas conversas sobre o jogo pós o jogo. Conforme os autores Mwewa e Vaz (2008, p. 117) e Mwewa (2005, p. 21) indicaram a partir de Falcão (2004), a capoeira é um universo de signos, símbolos e linguagens (gestuais, musicais, sonoros, visuais e auditivos) no qual se expressa uma dinâmica gestual e ritualística ambivalente, que reside no confronto simbiótico e no reflexo do outro (sociedade macro e parceira/a do jogo). É preciso sublimar enquanto manifestação cultural e capoeira (praticante) para que os pressupostos culturais, políticos, econômicos e gestuais do/a outro/a não prevaleçam como hegemônicos.

Assim como a capoeira enquanto micro sociedade reflete mimeticamente a macro sociedade na qual está inserida, seus/suas jogadores/as o fazem, em certa medida no jogo, ao refletir a gestualidade do/a parceiro/a com quem jogam. Nas duas dimensões, a mímese não é diluidora das particularidades, mas sim, potencializa objetivamente a instauração de outras dimensões da percepção da realidade. Este caráter mimético explicita a ambivalência presente no contexto da capoeira como resistência e reflexo do outro (sociedade macro e parceira/a do jogo) na máxima de assimilar e resistir ao jogo do outro. Se a sociedade imita a natureza assim como preconizaram os frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985, p. 169), a capoeira ao imitar a sociedade estabelece uma mímese de segundo grau e o/a capoeira ao imitar o/a parceiro/a do jogo ou o/a seu/sua mestre/a executa uma mímese de terceiro grau, ou seja, cópia da cópia (o/a capoeira) que copia (a sociedade) a natureza. Segundo os autores supracitados, “a sociedade é um prolongamento da natureza ameaçadora enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo

como uma autoconservação consequente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza.” (Horkheimer, 1985, p. 169).

Por outro lado, o processo de cópia gestual na capoeira pode ser tomado como parte da educação do corpo que é um elemento fundamental na constituição dessa manifestação cultural. Uma das dinâmicas das aulas/treinos de capoeira, como é de conhecimento dos/as capoeiras, acontecem com o/a professor/a ou quem está coordenando a aula/treino, fica na frente e executa movimentos (gestos) a serem repetidos, próximo à perfeição inicial, pelas pessoas que participam da aula/treino. É importante salientar que essa, apesar de ser a mais comum, não é a única forma de como se realizam as aulas/treino de capoeira. Muitas vezes essas aulas/treinos acontecem em roda, dois a dois ou conforme a dinâmica de cada grupo ou segmento de capoeira.

Neste contexto, a palavra treino ganha dimensões próprias da manutenção e da subtração da reflexão, isto é, da “automatização dos processos espirituais [transformando-os] em processos cegos.” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 169). Por outro lado, a repetição “ad infinito” dos movimentos na capoeira, faz-se necessária para a sua melhor apreensão e execução. No jogo, é preciso o estudo prévio dos movimentos para que sejam executados de forma reflexiva na excelência da eficiência e do cuidado com o outro. Do contrário, não passam de mera repetição aquém da perfeição, pois não são executados igualmente na sua minuciosidade do ponto de vista do treinamento. O corpo que é treinado deve se tornar apto a executar (repetir) movimentos assim como foram elaborados por outro na excelência da mímese diluitiva. Este procedimento valida “uma regressão conscientemente manipulada [que resulta] na mais sublime modalidade do mimetismo”. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 169). Porém, neste ensaio, não nos deteremos sobre o aspecto de um corpo específico na capoeira (ver Mwewa; Vaz, 2008).

Se conforme anunciam Adorno e Horkheimer (1985, p. 158), ao se referirem aos judeus, a “raça [...] é a auto-afirmação do indivíduo burguês integrado à coletividade bárbara”, nossas opções, primeiras, se devem ao fato de entendermos a capoeira, a princípio, como uma manifestação originária dos/as negros/as escravizados/as conforme anunciamos anteriormente. Estes/as, ao chegar no novo mundo, precisavam se diluir na realidade social e se assemelhar com ela na sua apreensão. Por isso, a busca pela coerência teórica-cronológica da presença dos/as negros/as como precursores da prática da capoeira desemboca na percepção, primeira, da mímese nas dimensões anunciadas, quais sejam, imitação/diluição (Adorno e Horkheimer, 1985) e reconhecimento das semelhanças (Benjamin, 1994). Assim, conforme Benjamin (1994, p. 109), “a natureza engendra semelhanças: basta pensar na mímica. Mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças.” No caso da capoeira diríamos, coloca-se a necessidade de superar tais semelhanças.

O ensaio está dividido nas seguintes partes: esta introdução na qual delineamos as principais linhas teóricas a serem exploradas; na segunda parte denominada “gestualidades miméticas” na qual dissertamos sobre o tema da mímese; na terceira parte com o subtítulo de “o jogo do reconhecimento das semelhanças” o qual indicamos os elementos que aproximam o contexto da capoeira com o conceito de mímese em Walter Benjamin (1993) e Theodor Adorno juntamente com Max Horkheimer (1985) e, as considerações finais nas quais aventamos as possibilidades de “superação” das semelhanças.

Procuramos neste ensaio realizar uma leitura de um caráter da gestualidade presente no jogo de capoeira a partir do tema da mímese. Trabalhamos na fronteira entre o reconhecimento e a superação das semelhanças expostas no momento do jogo, e para esta manifestação cultural. Este caráter pode explicitar uma resistência, mas também um mergulho nos pressupostos gestuais e hegemônicos do outro. A capoeira e os/as praticantes encontram-se no limiar do reconhecimento e da superação das semelhanças expostas na macro sociedade para esta manifestação cultural e no momento/movimento do jogo para os/as praticantes.

MÉTODO

Enquanto procedimento metodológico nos apropriamos do conceito de mímese nas dimensões anunciadas e projetamos, como holofotes, a percepção do contexto da capoeira o que de diluição subjetiva e reconhecimento das semelhanças engendra, neste contexto, para a superação dos ditames da macro sociedade. Portanto, trata-se de um projeto mais amplo que futuramente irá abordar as outras dimensões da mímese adorniana para pensar o contexto da capoeira, haja vista as limitações objetivas de um ensaio. Até o presente momento desconhecemos, no entanto, estudos que tenham se dedicado a explicitar a relação mimética presente no jogo de capoeira e desta com os processos de sujeição e adaptação sociais.

Em se tratando de um ensaio como forma (e não método), nossas escolhas metodológicas se justificam sob a égide de não pretendermos fazer uma exegese do tema nestes autores, até porque eles não escreveram ou pensaram sobre a capoeira. Tal exigência diminui a importância de trabalhos e pesquisas de fôlego que se dedicam a analisar a questão da mímese como conceito nestes autores, por exemplo, Gonçalves (2014), Torri, Correa e Vaz (2022) e Vaz (2020) e nos vários trabalhos da professora Olgária Chain Féres Matos, dentre outros. Portanto, concordamos com Adorno (2003, p. 30) quando diz, “o modo como o ensaio se apropria dos conceitos seria, antes, comparável ao comportamento de alguém que, em terra estrangeira, é obrigado a falar a língua do país, em vez de ficar balbuciando a partir das regras que se aprendem na escola.”

O que nos interessa, portanto, é refletir sobre como a capoeira e os/as seus/suas praticantes se apropriam do mundo exterior e da gestualidade do/a outro/a num processo mimético da realidade social e do/a outro/a. Porém, não olvidamos das dimensões criativas e reflexivas nas quais compõem o conceito de mímese em Adorno. Por opção e como primeiro ensaio sobre a temática vinculada à capoeira desenvolvemos este ensaio a partir da dimensão da mímese como imitação. Para assim, perspectivar a superação dos mecanismos sociais pelo seu reconhecimento e superação a partir dos elementos que compõem o contexto da capoeira. Inspirados em Walter Benjamin, operamos com o conceito de mímese como reconhecimento das semelhanças. Ao justificarmos a escolha da forma ensaística de exposição assumimos, conforme anuncia Adorno (2023, p. 31), que o ensaio “deveria ser interpretado, em seu conjunto, como um protesto contra as quatro regras estabelecidas pelo *Discours de la méthode* de Descarte[...]”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

GESTUALIDADES MIMÉTICAS E O JOGO DO RECONHECIMENTO DAS SEMELHANÇAS

No clássico ‘Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos’, Adorno e Horkheimer (1985), ao tematizarem sobre o antissemitismo, afunilam as consequências desastrosas da dimensão da mímese não refletida que sugere a subalternização subjetiva de *outrem*. Os autores pontuam essa dimensão da mímese ao se referirem aos comandados no contexto nazista que ao imitarem os seus comandantes, que se portavam como semideuses, acabavam por instituir sacrifícios para os quais “ordena-se a superação da autoconservação pela imitação[...]” dos seus líderes. Portanto, é sem remorso que os comandados, uma vez vítimas dos seus líderes, inferiam violências inauditas aos judeus, pois ao agir com outro na mesma medida com a qual somos tratados justificamos as violências a nós infligidas.

A sociedade é um prolongamento da natureza ameaçadora enquanto compulsão duradoura e organizada que, reproduzindo-se no indivíduo como uma autoconservação consequente, repercute sobre a natureza enquanto dominação social da natureza. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 169).

Dito isto, a questão da mímese localizar-se-á, conforme já anunciado, em Walter Benjamin (1993, p. 108), segundo o qual, um olhar lançado à esfera do “semelhante” é de importância fundamental para a compreensão de grandes setores do saber oculto. Este pode estar presente tanto no plano mítico ou astrológico quanto nas entrelinhas presentes em toda e qualquer comunicação [interação – seja ela verbal, escrita ou gestual]. Porém, esse olhar, deve consistir menos no registro de semelhanças encontradas que na reprodução dos processos que engendram tais semelhanças, conclui o autor. Em outras palavras,

o reconhecimento e a (re)produção dessas, não pode reduzir-se em simples obediência frente aos ordenamentos colocados para a individualidade, assim, como para o coletivo social. A partir deste autor, é possível afirmar que a grande maioria das funções humanas são determinadas ou “co-determinadas pela faculdade mimética” (Benjamin, 1993, p. 108).

As relações de proximidade humana – e do humano com a natureza não humana – em alguma medida, estruturam-se a partir desta faculdade. Da mesma forma que mimetizamos os nossos pais, professores, amigos etc., mimetizamos, também, o ambiente que nos cerca. Principalmente, quando nos encontramos em situação de perigo factual ou metafórico (a vontade de sumir, por exemplo, quando estamos com vergonha ou com medo). Tudo isso é intermediado no jogo das relações que estabelecemos com as pessoas e com o meio no qual estamos inseridos pela faculdade mimética. É neste sentido que compreendemos a seguinte afirmação do autor: “[...] no que diz respeito à história ontogenética da faculdade mimética, ela se vincula, essencialmente no jogo, a exemplo das brincadeiras infantis” (Benjamin, 1993, p. 108).

A exemplo das brincadeiras infantis, podemos dizer que o jogo da capoeira, também, se vincula a esta história ontogenética da faculdade mimética na sua dimensão de continuidade. Para os leigos, por exemplo, os jogos ou golpes são sempre os mesmos na aparente repetição, mas para os/as praticantes tudo é novo de novo. Por isso se diz que o jogo nunca termina repetindo-se para além do tempo e espaço, ou seja, dois/duas praticantes podem ter realizado um jogo em uma roda em Florianópolis e, no jogo, um/a deles/as ter levado uma rasteira que não fora devidamente respondida, este jogo pode continuar em Brasília, por exemplo, depois até de anos no reencontro do/as jogadores/as. Conforme diz a cantiga do domínio público “não bate no menino que um dia ele cresce, quem bate não se lembra; quem apanha nunca esquece[...]”. Portanto, na capoeira nada é sempre igual, mas sim estabelece um diálogo com o antigo que a depender dos seus agentes pode tornar-se novo outra vez.

Este jogo – interação – que em grande medida estrutura as relações sociais, pessoais e intrapessoais, não está desprovido de inclinações subjetivas. Ora nos submetemos, ora tomamos as rédeas, ora nem nos pronunciamos dependendo do que está em jogo, muitas vezes o que está em jogo se limita a nossa mesquinhez existencial. A qual procuramos proteger, de nós mesmos, desde outrora na contramão das forças miméticas.

Deve-se refletir ainda que nem as forças miméticas nem as coisas miméticas, seu objeto, permaneceram as mesmas no curso do tempo; que com a passagem dos séculos a energia mimética, e com ela o dom da apreensão mimética abandonou certos espaços, talvez ocupando outros. Talvez não seja temerário supor que exista uma direção essencialmente unitária no desenvolvimento histórico dessa faculdade mimética (Benjamin, 1993, p. 109).

Uma das perguntas que o autor se coloca é: se se trata de uma extinção da faculdade mimética ou de sua transformação. Mergulhados nos processos de sujeição cada vez mais enfatizados pelas relações sociais que nos forçam ao culto do “sempre igual” – materializado pela indústria cultural – diríamos que a contemporaneidade descortina uma nova face da faculdade mimética que está longe da sua extinção. Se Adorno observou o culto do produto sempre igual na esfera da indústria cultural, este se estende nas relações humanas privilegiadas pela “sociedade mimética”. Onde não basta SER, tem que parecer e aparecer. Pouco importa o que aparece ou com que se aparece, mas com que se parece. Este aparecer deve estar minimamente sintonizado com os produtos humanos e não-humanos, porém, humanizados, que estão em voga. Senão, explicitamos o descompasso sobre o qual a sociedade sempre se estruturou ao longo do curso histórico. Por isso, “a percepção das semelhanças, [...] parece estar vinculada a uma dimensão temporal” (Benjamin, 1993, p. 110).

Semelhança extra-sensível [conceito relativo] deixa claro que nossa percepção não mais dispõe do que antes nos permitia falar de uma semelhança de uma constelação e um ser humano. Não obstante, possuímos também um cânone, que nos aproxima de uma compreensão mais clara do conceito de semelhante extra-sensível. É a linguagem (Benjamin, 1993, p. 110).

É, portanto, na inscrição temporal do pensamento, da subjetividade e de toda gama das idiossincrasias pessoais que reconhecemos as semelhanças. Esse reconhecimento torna-se fundamental na continuidade do jogo de capoeira, pois a falta dele anula e torna os/as jogadores/as em oponentes dentro de um sistema que os/as oprimem indistintamente. A inscrição pode ser dada na palavra falada, escrita ou no gesto, como bem mostrou Paul Zumthor (2000) ao definir o que seria caligrafar. “O que é, com efeito, caligrafar?”, se pergunta o autor, “é recriar um objeto de forma que o olho não somente *leia*, mas *olhe*; é encontrar, na visão de leitura, o olhar e as sensações múltiplas que se ligam a seu exercício.”, responde o autor (p. 86); na gestualidade, que se destaca nas manifestações culturais, nas quais se enquadra a capoeira (nas letras das suas cantigas, por exemplo); e, essencialmente, na palavra escrita. O que seriam os gestos, senão uma escrita no espaço com o corpo?³ Esta escrita precisa ser caligrafada pelo outro na continuidade do jogo dentro e fora da roda. Para a sua melhor apreensão diríamos até que, a escrita gestual quando decupada sugere

³ Sobre a questão da escrita com o corpo na capoeira, temos os floreios que, resumidamente são movimentos acrobáticos em um misto de golpe e gratuidade da leveza do movimento, na excelência da “obra de arte” autêntica com seu valor aurático, ou seja, distante no tempo e no espaço que reafirma a ancestralidade do corpo negro. Ver a excelente tese sobre o tema dos floreios da pesquisadora Lívia de Paula Machado Pasqua cujo título é “capoeira e diáspora africana: uma interpretação sobre a manifestação dos floreios” defendida na Unicamp, 2020. A autora teve “objetivo identificar como os floreios se manifestam nas práticas corporais ancestrais da Capoeira, colaborando para o estabelecimento de uma concepção de floreio.” (Pasqua, 2020, p. 36).

uma melhor apropriação da realidade circunscrita (os golpes não atingem o/a parceiro/a do jogo). Golpeia-se o/a outro/a, no jogo da capoeira, no intuito de fazê-lo/a esquivar (se proteger), o que não acontece na dimensão da capoeira como luta, é verdade. Mas, na dimensão da luta, deve-se eleger um oponente fora da roda de capoeira ou mesmo do seu contexto mais amplo (os sistemas estruturais que nos oprimem, por exemplo), do contrário, nos destruímos uns contra os outros no deleite permanente dos nossos algozes de outrora com formas atualizadas de usurpação subjetiva e objetiva.

Permitam-nos, a seguir, uma longa citação do Benjamin, pois, só a partir das palavras deste autor em diálogo subliminar com o dito anteriormente por Zumthor, é possível apreender as suas elucubrações no que diz respeito à linguagem ser o *locus par excellence* de reconhecimento e produção das semelhanças. Linguagem, aqui, deve ser ampliada à gestualidade verbal no corpo da voz do/a capoeira, também.

A palavra escrita pode esclarecer a essência das semelhanças extra-sensíveis, talvez melhor ainda que certas configurações sonoras da linguagem, através da relação entre a imagem escrita de palavras ou letras com significado, ou com a pessoa nomeadora. [...] É, portanto, a semelhança extra-sensível que estabelece a ligação não somente entre o falado e o intencionado, mas também entre o escrito e o intencionado, e entre o falado e o escrito. E o faz de modo sempre novo, originário, irreduzível. O contexto significativo contido nos sons da frase é o fundo do qual emerge o semelhante, num instante, com a velocidade do relâmpago. Mas, como essa semelhança extra-sensível está presente em todo ato de leitura, abre-se nessa camada profunda o acesso ao extraordinário duplo sentido da palavra *leitura*, em sua significação profana e mágica. [...] O dom mimético [...] migrou [...] no decorrer dos milênios, para a linguagem e para a escrita, nelas produzindo um arquivo completo de semelhanças extra-sensíveis. Nesta perspectiva, a linguagem seria a mais alta aplicação da faculdade mimética (Benjamin, 1993, p. 111-112).

Como pudemos observar, esta citação se justifica, na medida que dela nos apropriamos de uma forma um tanto quanto particular, para ler a gestualidade explicitada no jogo da capoeira enquanto uma *gestualidade mimética* que denuncia as tensões presentes no jogo que também se relacionam de maneira *jogante* – como bem atestou Falcão (2004). Tais gestualidades podem ser lidas também como dramatizações –na mesma direção que Letícia Reis (2000) alertou–, dos pressupostos sócio-político-culturais colocados na micro e macro sociedade para os/as capoeiras.

Portanto, optamos pela dimensão de jogo na capoeira, por entender que ela explicita as possibilidades de reconhecimento das semelhanças na gestualidade do/a *Outro/a*. Uma vez que se joga com o/a *Outro/a* jogador/a (e não contra o/a *Outro/a*), a roda torna-se *locus* privilegiado para a percepção da simbiose na relação gestual entre os/as jogadores/as. Por exemplo, quando

um/a dos/as jogadores/as executa um golpe, o/a outro/a jogador/a deve se proteger (esquivar) do golpe auferido, mas essa esquivar, só se torna eficiente se o golpe esvaziar-se do seu objetivo que era atingir o/a outro/a, pois passou no “espaço vazio do corpo” do/a outro/a jogador/a. Espaço vazio do corpo significa o diálogo entre as intenções subjetivas dos/as jogadores/as explicitadas na intencionalidade do golpe que, para a continuidade do jogo, espera-se a esquivar equivalente. Esquivar equivalente indica ou reforça a nossa intuição de pensar na mímese diluidora no/a outro/a, pois aceita, incorpora e assimila o golpe esquivando-se para a manutenção íntegra do corpo capoeira. Do contrário, enfrentaria em confronto o golpe na perspectiva de mudança de vetor do mesmo como contrapartida. A contrapartida demanda reflexão e criatividade imediata na eminência da negação da realidade apresentada pelo/a outro/a no contexto das manifestações culturais.

Entendemos que o processo de formação subjetiva a partir das manifestações culturais oriundas dos afro-brasileiros deve considerar a dor pela qual os seus atores passaram na constituição deste legado histórico para que não se caia em leituras que as transformem em mais um elemento de assimilação. A noção da dor destes povos serviria como algo que nos remetesse, se é que podemos dizer assim, à realidade então vivida. Portanto, toda performance na capoeira exige uma interpretação, mesmo subliminarmente, que a vincula à luta pelo autorreconhecimento para a autoconservação. É nessa paráfrase da noção de performance de Zumthor, que a define como aquilo que transborda exigindo interpretação, é que contextualizamos as linguagens na e da capoeira (Zumthor, 2000, p. 86).

No caso da capoeira, que é nosso objeto, quando considerada parte do processo educacional formal e não-formal, pode sugerir “caminhos para a independência cultural e a autonomia de pensamentos que passa pela discussão e pela crítica, para que os indivíduos se instrumentalizem para questionar os padrões éticos e estéticos [étnicos] que lhes são impostos constantemente.” (Vieira, 1989). Desde outrora as práticas oriundas dos africanos tiveram que mimetizar o ambiente no qual foram impostas. Retirando os elementos que as vinculavam diretamente com tais práticas culturais. Exemplo disso temos a leitura que Vieira (1998) realiza, ao problematizar a racionalização que Mestre Bimba teria feito da capoeira, o que talvez pudéssemos chamar de *leitura adestradora* da capoeira, conformando-a aos padrões culturais estéticos que vigoravam no momento. (Ver Mwewa, 2005).

Em outras palavras, Mestre Bimba incorporou outros elementos na capoeira para torná-la mais competitiva, ou seja, mais próxima aos esportes de rendimento privilegiados na sociedade constituída, neles há a valorização da superação de marcas e recordes, enfim, a competitividade explícita, em última análise, a vitória. Ele retirou da capoeira elementos que a vinculavam diretamente a práticas culturais marginalizadas, mais precisamente o atabaque

que era utilizado também no candomblé. A simplicidade aparente na afirmação acima reside na objetividade da ação do mentor da capoeira Regional cuja controvérsias e mito se mantem até os dias atuais. Hoje em dia se retira de certas rodas de capoeira cantigas que são considerados pontos (cantigas) das religiões afro-brasileiras. Longe de romantizarmos uma essencialidade da capoeira, o que afirmamos é que existia uma prática que foi mudada objetivamente para acessar outros espaços e agentes. Isso é diferente de um movimento orgânico de uma manifestação cultural inserida em tempo e espaço cuja dinâmica interna não está alheia a dinâmica externa. Se não fosse isso, os/as adeptos à capoeira, dita Angola, não reivindicaria a ancestralidade africana a qual não é explicitamente reivindicada dentre os/as praticantes da Regional ou da Contemporânea em “confronto” direto com os autodeclarados angoleiros.

Portanto, a partir do momento em que os atores/sujeitos/autores, da capoeira, aceitam a obediência a certas hierarquias existentes no universo da capoeira, eles simplesmente estarão reproduzindo as regras vigentes na sociedade em que vivemos e que, em alguma medida, são reproduzidas neste universo. Atentamos a observação do nosso leitor de que esta reprodução pode se dar a partir de um reconhecimento prévio de tais normas. Há, porém, um diferencial significativo, pois aqueles que se situam entre as camadas subalternas da sociedade, contraditoriamente, são a referência no mundo da capoeira com radical étnico localizado (os velhos mestres, por exemplo).

Este fato, por si só, não faz dela um ambiente “melhor”, com possibilidades plenas para a realização de um sujeito, como alguns pressupõem. Muito pelo contrário, temos presenciado uma capoeira que realiza uma marcha em direção ao seu adestramento pelos mecanismos de sujeição e controle sociais. Vemos com frequência termos do universo do sistema financeiro e competitivo adentrarem o mundo da capoeira, para além dos abadás com patrocinadores bordados conforme indicou Mwewa (2005), como exemplo, “treino pago”, adversário, batalha, arena, cachê, seletiva, patrocínio etc. potencializados, pelo Volta ao Mundo dos Bambas (VMB à lá UFC) com diferentes modalidades de competições e exacerbada exposição midiática, assim como reza a cartilha dos preceitos da Indústria Cultural preconizada por Horkheimer e Adorno (1985).

Aos/às campeões/campeãs os holofotes do mundo da capoeira e infinitos convites para ministrarem oficinas, na excelência, do adestramento daquele que necessitam ser ‘consertados’ para se adequarem à normatividade que alguns defendem para a capoeira. Os que resistem são denominados de ‘sarobeiros’, pois executam os movimentos fora do padrão. Quiçá reside aí uma potência de confronto frente à padronização gestual e da disposição social da capoeira. Em uma competição, deve haver um vencer ou se declarar empate e partir para os mecanismos de desempate. Enclausurando os seus sujeitos em meros reprodutores das semelhanças consagradas.

Os símbolos que identificam a capoeira como importante elemento de confronto são apropriados e lidos como elementos que a tornam cada vez mais fascinante e próprios dos esquematismos industriais. Se não forem compreendidos dentro do campo de luta de forças que compõem o universo simbólico das relações sociais eles, mais uma vez, se limitarão, da forma como esta cultura se dá na sociedade administrada, a reproduzir de forma caricatural os mecanismos de sujeição implementados por esta sociedade. Inspirados nos vários escritos de Theodor Adorno, podemos dizer que a insistência em tornar hegemônica esta “forma diferente” de representação/produção se configura num agravante, pois mostra que este segmento não elaborou, no plano da consciência – sem exclusivismos – a noção de ser, muitas vezes, a extensão reprodutora dos mecanismos de assimilação das forças de dominação.

Porém, não podemos anular outras alternativas de prática da capoeira, como por exemplo, o movimento da capoeira sem mestre cujos praticantes se reúnem para a prática/experiência sem que haja um/a mandatário/a ou coletivos que não se denominam como pertencentes a grupos ou mesmo pessoas que praticam a capoeira sem se prender ao uso de uniformes ou aquele/as que ainda cultivam a chamada capoeira de rua etc.

A capoeira como manifestação cultural não tem nenhuma obrigação de ser o bálsamo da humanidade, mas também não deve se comportar como um fã disposto a tudo para se assemelhar ao seu ídolo, reprisando o ideal estabelecido. Isto mostra, por exemplo, que devemos procurar transformações efetivas na ordem social, e não apenas almejar uma substituição de quem ordena, ou seja, mudar apenas o feitor que outrora era facilmente identificado. Portanto, é com significativas reservas que percebemos a forma com que se estruturam as relações comumente defendidas no âmbito da capoeira como elementos “naturalmente” de encontro à dominação. Estas muitas vezes, se localizam num plano anterior à dominação, não por ser contra ela, e sim, por ainda não ter a atingido.

Se pensarmos numa relação semelhante à questão da capoeira, aquela que Matos (2003) fez entre Língua e Educação, é possível dizer que a capoeira é para a educação-formação uma experiência *expressionista*, com golpes, movimentos de ataque e defesa, acrobacias (floreios) e a sua musicalidade, um modo de fazer conhecer o legado de uma cultura oriunda de povos escravizados (ancestralidade) e que, por diferentes estratégias, procuraram demonstrar o seu descontentamento em relação à condição a que foram reduzidos. A massificação da capoeira, na condição de um mecanismo de controle das massas, pode ser considerada, ainda, o grande perigo para a manutenção das tradições – não no sentido de estagnação cultural ou da busca de uma capoeira pueril –, que de certa forma são muito importantes na cultura do jogo, pois podem ser observadas como o pilar referencial para a resistência à sua coisificação.

A partir do momento em que entendemos a capoeira como *coisa*, autoriza-se privilegiar somente o seu valor de troca – intercambiável–, reduzindo os seus praticantes a clientes na cruel relação mercadológica. A aceitação acrítica das demandas impostas aos “consumidores” (alunos e outros) da capoeira intensifica neles uma condição de menoridade histórico-cultural. Pelo que se observa, passam a (re)produzir, no sentido de dar continuidade, a capoeira da mesma forma que a “receberam”, sem que tenham claro que não são mais que consumidores assimilados, anulando-se, assim, como sujeitos, ao ficarem à mercê “das terceiras pessoas” (Horkheimer; Adorno, 1985).

Isso adquire enorme força em tempos neoliberais, quando a cidadania foi equiparada ao consumo. No qual a massa trabalhadora passa a ser o sustentáculo das injustiças sociais por aspirarem ao adentrar neste sistema, também, pela imitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, pretendemos focar nas possibilidades de “superação” das semelhanças no contexto da capoeira. Faz-se necessário questionar que tipos de novos atores/sujeitos são pretendidos, quando vinculamos a sua educação com a capoeira? Como experienciar a capoeira de forma a que ela venha a auxiliar na formação crítica dos/as seus/suas praticantes de forma a instaurar uma mímese mediada pela razão?

Talvez possamos arriscar uma alternativa localizada na possibilidade de educação quando somos respeitosos no reconhecimento da fraqueza do outro – que dependendo da situação, nós mesmos podemos explicitar tal “debilidade”. Por exemplo, ao marcarmos (simular) uma banda⁴ ou queda no/na companheiro/a do jogo sem finalizar o movimento ou mesmo ao pararmos um golpe (martelo) no rosto (cara) do parceiro/a do jogo ou mesmo ao finalizarmos uma tesoura (golpe executado de pernas abertas que entrelaça o/a companheiro/a do jogo derrubando-o/a como se estivesse sido cortado/a por uma tesoura) e colocamos a mão na cabeça do/a companheiro/a para evitar que bata a cabeça etc. Então poderíamos entender que o jogo da capoeira pode ser um constante cuidado com o/a companheiro/a e por isso se joga **COM** e não contra o/a outro/a, ou seja, só existe jogo na continuidade dos movimentos conforme indicamos anteriormente.

No limite, isso nos possibilita vislumbrar uma contribuição da capoeira na formação de uma sensibilidade do indivíduo para com o/a outro/a. Isso sem falar que, no processo do jogo de capoeira, há uma possibilidade de instituição de um outro caráter da mímese superadora do simples mimetismo da diluição irracional

⁴ Movimento desequilibrante que se aplica no/na companheiro/a de jogo que pode ocasionar a sua queda.

do indivíduo subjugado pelo todo, pois, no jogo de capoeira, num primeiro momento, existe uma dissimulação da aceitação do *ritmo* imposto pelo outro num processo mimético de aproximação. Mas isso pode ser apenas uma pré-elaboração ou picardia – **reconhecimento** – das possibilidades de inversão dessa imposição, ou seja, primeiro apaziguamos a “ira” do outro, nos assemelhando com ele, para depois tentarmos impor a nossa “verdade” – **produzir** –, ou melhor, o nosso “ritmo” de jogo, em se tratando da capoeira ao qual o/a outro/a pode procurar se adequar, adestrando-se ou não, numa constante negociação.

É a partir desta busca de “apaziguar” a relação entre os sujeitos no mundo da capoeira e com a sociedade como um todo que localizamos as nossas reflexões. Elas não pretendem uma adaptação dos indivíduos aos mecanismos sociais colocados (tanto na capoeira como na sociedade em geral). Ou seja, reflexões que não pretendem entender a capoeira como um elemento que serviria para incluir – **assimilação** – os indivíduos numa certa sociedade e nem se adaptar – **assemelhar** – a ela sem a necessária problematização reflexiva dos mecanismos tanto da capoeira como da sociedade em geral, só nesta dimensão a capoeira pode ser considerada luta/enfrentamento. Do contrário, já perdemos desde o início, pois poucos capoeiras são detentores dos meios de produção, pois muitos são vendedores/as da sua força de trabalho na permanente reafirmação da busca pela adaptação à semelhança do algoz.

Para concluir, é possível afirmar que a aceitação acrítica do caráter inclusivo, legitimado para a capoeira, pode refletir a nossa precária formação quanto às potencialidades sócio-históricas e políticas do movimento da capoeira. Pelo que se observa, esta aceitação faz com que seus/suas atores/atrizes passem a vivenciar o jogo a partir da reprodução dos mesmos símbolos dos seus tutores (aqui permanece o masculino, pois na imensidão dos grupos de capoeira é ínfima, quase inexistente, a quantidade de grupos deliberadamente liderados por pessoas do gênero feminino). O que é pior, repetindo os mesmos jargões que os/as seus/suas mestres/as prescrevem, sem que tenham explícito que, desta maneira, eles/elas se mantêm apenas na posição de quem é congelado na brincadeira infantil – de “pega e congela”. Mas, sem a imitação a capoeira não existiria e nem a sociedade como a conhecemos.

FINANCIAMENTOS

Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No 18/2021 – UNIVERSAL – FAIXA A.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq e à UFMS.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

Christian Muleka Mwewa - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Marcelo Braz Vieira - Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados).

Juliani L. Caldeira Ferreira - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados).

Aline Ortega Soloaga - Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura 1*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. 5. ed. Editora Brasiliense, 1993.
- FALCÃO, José Cirqueira. *Texto de abertura*. In: SIMPÓSIO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DE CAPOEIRA, 6., 2004, Florianópolis-SC, 2004.
- GONÇALVES, Michelle Carreirão. *Esporte e estética: um estudo com jogadoras de rúgbi*. Tese (doutorado) - Centro de Ciências de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

PASQUA, Livia de Paula Machado. *Capoeira e diáspora africana: uma interpretação sobre a manifestação dos floreios*. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

MATOS, Olgária Chaim Féres. Indústria cultural e educação. Disponível em: <http://www.lab.demac.ufu.br/lab/espec/pt/industrialcultural.html>. Acesso em: 10 fev. 2003.

MWEWA, Christian Muleka. Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102273>. Acesso em: 13 set. 2023.

MWEWA, Christian Muleka. Indústria cultural e a educação do corpo no jogo de capoeira: Educação e reificação das subjetividades. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL – TEORIA CRÍTICA, 1., 2004, Piracicaba-SP. *Anais...* Piracicaba-SP: UNIMEP, 2004. CD ROM.

MWEWA, Christian Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpo e indústria cultural: notas para a compreensão da capoeira na sociedade contemporânea. *POIESIS* – Revista do Programa de Pós-graduação em Educação, Santa Catarina, v. 1, n. 2, p. 116 – 126, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/68/75>. Acesso em: 13 set. 2023

OLIVEIRA, E. Capoeira e Filosofia. In: Freitas, Joseania Mioranda. Uma coleção biográfica. Os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no museu afro-brasileiro da UFBA. Salvador: EDUFBA, 2015.

REIS, Leticia Vidor de Souza. *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. *A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

TOR, Danielle; PIRIZ, Rodrigo; VAZ, Alexandre Fernandez. Maquinaria corporal: eficiencia y estética en el deporte paralímpico. *Contrapontos (Online)*, v. 22, p. 28-44, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-71142022000100028&lng=pt&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 13 set. 2023

VIEIRA, Luiz Renato. *O jogo da Capoeira: Corpo e Cultura popular no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre o corpo na reforma da vida. *Revista Conexões*, v. 18, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8660930>. Acesso em: 13 set. 2023.

VIEIRA, Luiz Renato. Criatividade e clichês no jogo da capoeira: A racionalização do corpo na sociedade contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 11, n. 1, p. 58-63, 1989. Disponível em: https://public.cbce.org.br/uploads/60b6a23488676Anais_1989_completo.pdf. Acesso em: 13 set. 2023

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.

ZONZON, Christine Nicole. Nas pequenas e nas grandes rodas da capoeira e da vida: corpo, experiência e tradição. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

Recebido em: 16 set. 2023
Aprovado em: 19 jan. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

